

A IDENTIFICAÇÃO ENTRE “ELEMENTO” E “CAUSA” NA TRADIÇÃO DE COMENTÁRIOS A ARISTÓTELES: DE EUDEMO DE RODES A SÃO TOMÁS DE AQUINO

Marcos Roberto Santos Pereira¹²⁸

Resumo: Durante todo o decorrer da tradição de comentários às obras de Aristóteles, um dos poucos pontos pacíficos existentes é a identificação entre “elemento” e “causa material”. Há discussão, contudo, sobre se deveria englobar nesta identificação também a “causa formal”, isto é, que “elemento” seja “causa material” e “causa formal”. De nossa parte, entendemos que essa identificação só é possível à medida em que os elementos exercem a função de causa dentro do escopo científico da física aristotélica. Isto não significa, e é isto que defenderemos num artigo futuro, que os elementos sejam, em si mesmos, causas. Aqui, no entanto, nos deteremos na mera apresentação dessa tradição de comentadores que toma de partida a identificação entre os dois conceitos, a saber, “elemento” e “causa material”. No nosso trajeto dividiremos o texto de acordo com o desenrolar das argumentações contra e a favor da inclusão da “causa formal” nesta identificação, ressaltando os motivos disso acontecer. Com isso, buscamos ressaltar que a divergência interpretativa entre os comentadores se dá por conta do modo de leitura das obras de Aristóteles, o que nos revela, antes de tudo, um embate entre bases textuais.

Palavras-chave: Aristóteles, elemento, causa.

Abstract: Throughout the entire tradition of commentary on Aristotle's works, one of the few points of agreement is the identification between “element” and “material cause”. There is, however, discussion about whether “formal cause” should also be included in this identification, that is, whether “element” should be considered both “material cause” and “formal cause”. On our part, we understand that this identification is only possible insofar as the elements perform the function of cause within the scientific scope of Aristotelian physics. This does not mean, and this is what we will argue in a future paper, that the elements are, in themselves, causes. Here, however, we will focus on the mere presentation of this tradition of commentators that begins with the identification between the two concepts, namely, “element” and “material cause”. In our journey, we will divide the text according to the unfolding of arguments for and against the inclusion of “formal cause” in this identification, emphasizing the reasons for this to occur. Thus, we seek to highlight that the interpretative divergence among the commentators

¹²⁸ Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFS. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Metafísica (PPGμ) da UnB, e membro do GEFILUFS. E-mail: marcolinolino00@hotmail.com.

is due to the way they read Aristotle's works, which reveals, above all, a clash between textual foundations.

Keywords: Aristotle, element, cause.

1- INTRODUÇÃO

Este artigo é a primeira parte de uma defesa da distinção conceitual entre dois termos caros para a filosofia aristotélica, a saber “causa material” e “elemento”. Conforme se observará, existe um consenso, poucas vezes expresso, entre os estudiosos de Aristóteles em identificar em certa medida ambos os termos. Segundo este consenso, “elemento” significaria algo como uma causa material primordial, ou, nos casos mais extremos deste consenso, há uma completa identificação conceitual. De nossa parte, entendemos que essa identificação só é possível à medida em que os elementos exercem a função de causa dentro do escopo científico da física aristotélica. Isto não significa, e é isto que defenderemos num artigo futuro, que os elementos sejam, em si mesmos, causas. É preciso ter em mente que quando Aristóteles trata dos modos de se dizer a causa, ele está nos apresentando um recurso explicativo-científico. Que não apenas é utilizado no âmbito da ciência, mas que o caracteriza. E neste sentido, existem determinadas coisas que podem ser evocadas para explicar o porquê de algo. Mas estas coisas em si só são causas à medida em que desempenham tal papel. Não à medida em que são, conceitualmente, causa.

Aqui, contudo, nos deteremos a demonstrar a existência desse consenso. Acreditamos que apenas afirmar que ele existe possa soar como o levantamento de um espantalho. Justamente por ser consenso, não é extensa a produção bibliográfica que se importa em afirmar de forma clara esta posição. Além disso, o entendimento tradicional acerca dos elementos pode ser motivo para se pensar que nunca houve uma identificação nos termos apontados anteriormente. Portanto, nos limitamos aqui a apresentar alguns exemplos que tornam evidente a existência de uma tal interpretação, tanto de comentadores antigos como de contemporâneos. E se em alguns momentos apresentamos parte da nossa interpretação como contraponto, assim o é de forma breve.

Antes de prosseguirmos, é preciso apresentarmos a lista bibliográfica que deu suporte a esta empreitada. O texto por nós utilizado foi o do José Carlos Estêvão, pelo projeto Ariadne, do grupo

Cepame (Centro de Estudos de Filosofia Patrística e Medieval de São Paulo) da USP¹²⁹. Ela se mostrou bastante útil, visto que nos apresenta não a manuscritos, mas sim a livros, o que facilita muitíssimo a sua procura e a possibilidade de podermos encontrá-los. Conhecemos bem a existência da volumosa produção do Charles Lohr, na qual se dispôs a compilar os diversos comentários às obras de Aristóteles, mas não a utilizamos senão de modo bem pontual. Visto que seus textos nos apresentam a manuscritos, a procura tanto nos meios físicos como nos meios digitais se torna extremamente trabalhosa e praticamente impossível, devido às nossas condições.

Além disso, a lista do grupo CEPAME não é exaustiva, e mesmo dentro dela, há alguns livros que não conseguimos encontrar. Assim sendo, nossa pesquisa se deparou com limites bem concretos. A inexistência de determinados livros de comentadores em âmbito digital foi o principal deles, mas mesmo alguns dos que encontramos se encontravam em condições de completa ilegibilidade. Portanto, deve-se ter em mente que as evidências e o desenvolvimento históricos da identificação entre “elemento” e “causa material” que pretendemos elencar se detém em alguns dos principais nomes da tradição comentada de Aristóteles e naqueles poucos além deste que se pôde encontrar na obra. No caso de Ibn as-Samḥ, por exemplo, apresentamos sua interpretação justamente porque seu comentário se encontra no volume que recolhe tanto o dele como o de Ibn Rušd (Averróis). Dito isso, prossigamos.

2- A IDENTIFICAÇÃO ENTRE “ELEMENTO” E “CAUSA MATERIAL”; O ESTABELECIMENTO DE DUAS VERTENTES INTERPRETATIVAS

A discussão sobre os constituintes primários do mundo físico é uma que ocupa lugar especial na história. Ela marca a virada de um período em que as explicações mitológicas eram mais comuns para explicar a criação e diversos aspectos do mundo para um em que tais explanações se dão a partir de aspectos puramente mundanos. Ou seja, ela é a pedra basilar da filosofia. E se manteve como principal tema de discussão por um bom tempo, passando pelo pensamento de filósofos como Tales, Heráclito, Anaxímenes, Demócrito, Empédocles e diversos outros¹³⁰. Com o advento de Sócrates, de acordo com

¹²⁹ Com Tales, o discurso filosófico finalmente ganha forma e se distingue do mitológico. A proposição da água como elemento primordial explica toda a existência e eventos físicos com base na própria natureza. A ele se seguiram os nomes de filósofos já citados, mas também os de Xenófanes, Anaxágoras, Arquelaus, Leucipo e Diógenes de Apolônia, todos sob a égide da escola Jônica, iniciada em Mileto com Tales. Além desta, a escola de Eléia também apresentava suas próprias teorias acerca da cosmogonia, mas, diferentemente, não se atinham a objetos físico-naturais.

¹³⁰ O conceito estóico de alma é baseado no movimento, tudo o que é capaz de mover ou sofrer movimento tem alma. Mas para além de animais e plantas, todo o cosmos, sendo também dotado de movimento, como é possível perceber pelos astros, também tem uma alma. Todo esse movimento seria realizado por uma mistura de ar e fogo, chamada *πνεῦμα*, que se confunde com a própria divindade. Sendo assim também deus, constituído dessa mistura ou a fonte suprema dela mesma. Por causa disto, os estóicos defendem uma coesão dinâmica do cosmos em si, á medida em que ele e tudo que o integra é preenchido

seu retrato histórico, a temática perde um pouco de sua força e outras passam a ser suas preocupações centrais. Mesmo assim, ainda vemos que Platão e Aristóteles desprenderam um tanto de seu *corpus* para esta discussão. Além destes, e com ainda menos apelo e de modo bem singular, vemos os estoicos elaborarem suas teses sobre o πνεῦμα, que é responsável pela animação dos diversos tipos de seres existentes, desde plantas ao homem¹³¹.

Apesar de ficarem conhecidos pelo termo στοιχεῖον, essa nomenclatura, segundo o relato de Eudemo de Rodas¹³², só viria a ser utilizada com o sentido de primeiro constituinte do mundo físico por Platão. Mesmo em seus escritos menos tardios, o filósofo já utiliza o termo, mas como sinônimo de letras do alfabeto, significado há muito atrelado ao termo στοιχεῖον¹³³. Segundo alguns comentadores¹³⁴, é no *Teeteto* que Platão faz uso do termo em seu sentido de elemento, mas de uma maneira bastante reservada. Das suas 35 aparições no diálogo, segundo Simone (2020, p. 8-9), apenas 5 têm o significado de constituinte material. E isto por causa da novidade desta acepção do termo, como fica subentendido do que diz Simone (2020)

Na direção completamente oposta está Timothy J. Crowley. Apesar de ser citado diversas vezes no artigo de Simone (2020), Crowley (2005) defende que o termo στοιχεῖον tinha em seu uso cotidiano também o significado de constituinte material. Como é possível observar da leitura do capítulo 3 do livro *Δ da Met* Aristóteles enquadra esta noção do termo entre os seus usos ordinários. Após apresentar o sentido gramatical e lógico, afirma: “Pronunciam-se de maneira semelhante os que afirmam que também

por πνεῦμα. Isso, contudo, não significa que todos têm a mesma quantidade desse elemento dentro de si e por isso existe as distinções entre os diversos tipos de seres. Como veremos na nota 38 do presente trabalho, o conceito de πνεῦμα estaria muito mais próximo de uma causa do que que um elemento, segundo a visão dos estóicos sobre o tema. Mas ele não deixa de ser uma herança pré-socrática, em partes rastreada até Anaxímenes como nota Samuel Sambursky em *Physics of the Stoics* (1959). Para mais informações consultar o livro já citado e o capítulo 5 do *The Cambridge Companion to the Stoics*, Brad Inwood (ed.) (2003). Ambos utilizados para escrever esta nota.

¹³¹ DE SIMONE, P. Plato's use of *stoicheion*: Origin and implications. In: *Archai*, n. 30, 2020.

CROWLEY, T. J. On the use of *stoicheion* in the sense of 'element'. In: *Oxford Studies in Ancient Philosophy*, Vol. 39, pp. 367-394 (Sep 2005).

¹³² *Cra* 424c-d. Nesta passagem, Fowler (1926) apresenta uma tradução direta de στοιχεῖα e στοιχεῖοις, como letras do alfabeto, segundo nos mostra a citação de Pia de Simone (2020, p.5). Além disso, é senso comum na história da filosofia atribuir a στοιχεῖον o significado de “letras do alfabeto”, como nos informa Crowley: “In particular, is usually believed that *stoicheion* primarily means ‘letter of the alphabet’ [...]” (2005, p. 368). E assim perdurou por, no mínimo, até Sexto Empírico c. 160-210 d.C. como afirma Ryle, sem apontar passagem (1960) e assim segue Crowley (2005), afirmando se tratar de *M.* 10 249-50. E de fato: “(249) εἰκέναι γὰρ λέγουσι τοὺς φιλοσοφοῦντας γνησίως τοῖς περὶ λόγον πονουμένοις. ὡς γὰρ οὗτοι πρῶτον τὰς λέξεις ἐξετάζουσιν (ἐκ λέξεων γὰρ ὁ λόγος), καὶ ἐπεὶ ἐκ συλλαβῶν αἱ λέξεις, πρῶτον σκέπτονται τὰς συλλαβάς, καὶ ἐπεὶ ἐκ συλλαβῶν τὰ στοιχεῖα τῆς ἐγγραμμάτου φωνῆς ἀναλυομένων, περὶ ἐκείνων πρῶτον ἐρευνῶσιν, (250) οὕτω δεῖν φασιν οἱ περὶ Πυθαγόραν τοὺς ὄντως φυσικούς;”

“(249) Pois dizem que os filósofos genuínos se assemelham àqueles que se ocupam com o discurso. Pois, assim como aqueles [que se ocupam do discurso] primeiro investigam as palavras (pois o discurso [é composto] de palavras), e uma vez que as palavras [são compostas] de sílabas, primeiramente examinam as sílabas; e, uma vez que os elementos dos sons escritos partem das sílabas, investigam sobre isso antes; (250) assim, os Pitagóricos dizem que se deve [agir], sendo físicos (...)” (Tradução não publicada de BRITO, R. P.)

¹³³ Vide nota 3

¹³⁴ A edição da *Metafísica* por nós utilizada é a do Lucas Angioni, publicada em formato de vários artigos.

os elementos dos corpos são os itens últimos nos quais se dividem os corpos [...]” (*Met* Δ 3, 1014 a31-33)¹³⁵.

Por conta desta catalogação, Crowley argumenta que não é possível que Platão tenha sido o primeiro a utilizar o termo στοιχεῖον em seu sentido elemental, se já com Aristóteles o sentido ganhará status de corriqueiro. O tempo entre Platão e seu discípulo é muito curto para que nele um termo seja utilizado com um novo significado de maneira comum. Para comparar, basta analisar a forma como a teoria das quatro causas é expressa em *Met* A. Em sua análise dos predecessores, Aristóteles afirma que desde Tales existe um desenvolvimento do conceito de causa, explorando suas diversas facetas, e é a partir da análise daqueles que contribuíram neste projeto que o estagirita apresenta o que considera a teoria definitiva sobre o termo¹³⁶.

Apesar de ter ciência da argumentação de Crowley¹³⁷ e deixar expresso seu pensamento, Simone (2020) não se prontifica para argumentar contra, até pelo próprio teor de seu artigo. O objetivo dele não é dar um apanhado geral da discussão acerca do significado elemental de στοιχεῖον, mas sim apresentar a visão de Platão acerca do tema e a posição que ele assume dentro desse debate.

Assim, também Aristóteles se insere no debate acerca de “elemento”, e ao menos desde Eudemo de Rodes há certa tendência explícita¹³⁸ em interpretá-lo de modo que o conceito de elemento seja identificado ao de causa material. Seja ela uma identificação conceitual, ao afirmar que o significado de um é semelhante ou idêntico ao do outro, ou no sentido de que, apesar da existência de distinções conceituais, os objetos considerados como elementos são semelhantes aos considerados como causa

¹³⁵ Como veremos, este é um procedimento comum de Aristóteles, usado também no *De Generatione et Corruptione* e na *Física*, até onde pudemos observar. Na *Met.* temos um caso emblemático, não só porque nos é apresentado um apanhado panorâmico do pensamento dos filósofos pré-socráticos, como também porque é nítida pretensão de estabelecer a teoria final a respeito do assunto e exemplo disso está dado no início da exposição em que Aristóteles de antemão, apresenta quais seriam as quatro causas, e apenas em seguida inicia analisa as teorias anteriores; e pela forma gradual com a qual ele enxerga o desenvolvimento histórico da teoria das quatro causas: “Por esses filósofos, julgá-riamos que é causa apenas a que assim se diz em forma de matéria. No entanto, na medida em que avançaram desse modo, o próprio assunto abriu-lhes caminho e os forçou a investigar[...]” (*Met.* A 984 a16-18); ou ainda: “Mas, depois desses predecessores e dos princípios desse tipo — dado que não são suficientes para gerar a natureza dos entes—, novamente constrangidos pela própria verdade (como dissemos) buscaram o princípio seguinte.” (*Met.* A 984 b8-10).

¹³⁶ Por conta da inovação de suas ideias, que invariavelmente destoam da maioria dos comentadores, se não de todos, Crowley será um parceiro durante todo o processo de desenvolvimento da tese aqui defendida.

¹³⁷ CROWLEY, T. J. *De generatione et corruptione* 2.3: does Aristotle identify the contraries as elements? Does Aristotle identify the contraries as elements? *The Classical Quarterly*, [s.l.], v. 63, n. 1, p. 161-182, 24 abr. 2013. Cambridge University Press (CUP).

¹³⁸ Como apontado pelo meu orientador, Prof. Dr. Rodrigo Pinto de Brito, somente sendo assim se poderia chamar os filósofos naturalistas de “naturalistas”. Ou seja, o termo φυσικοι, que lhes era atribuído na época de Aristóteles, só cabe se na época de Aristóteles for senso comum que os elementos são de fato objetos naturais sensíveis, e não metafísicos ou poético-mítico-metafóricos. Não há consenso sobre isso, contudo. Patricia Curdi (1998), por exemplo, afirma que apesar de as raízes serem apresentadas por seus exemplos observáveis, delas existem suas versões mais simples.

material. Assim nos relata Simplício em seu Comentário à *Física* de Aristóteles¹³⁹ ao citar Eudemo: “[...] ‘causa ‘sendo dita de quatro modos, ‘elemento’ é dito no sentido da ‘matéria’” (*In Fis.* 10. 14-15 Diels¹⁴⁰. Tradução nossa.)¹⁴¹. E nesta mesma linha de raciocínio, Eudemo é seguido por Alexandre de Afrodísias, nos relata Simplício:

Portanto também Alexandre afirma que eles diferem uns dos outros por considerar princípio (ἀρχήν) propriamente a [causa] produtiva, pois é princípio de movimento, e causa propriamente o em razão do que é a forma (pois nela [se encontra] o em razão de que [em relação] aos seres naturais) e elemento o constituinte [entendido] enquanto matéria. (*In Fis.* 10. 9-12 Diels. Tradução nossa.)¹⁴²

Quanto a Eudemo, não encontramos outro fragmento que relate a mesma interpretação. No caso de Alexandre de Afrodísias, contudo, suas opiniões são encontradas em suas próprias obras, apesar de não ser de forma tão expressa quanto o relato de Simplício dá a entender. Na décima pergunta de suas suas *Quaestiones*¹⁴³ temos:

Se os princípios e os elementos das coisas físicas, sendo eles acerca [dos quais] se ouve Aristóteles dizer na *Física*, são a matéria e a forma e o produtivo e o em razão do que, o corpo que se move em círculos com certeza não será um corpo físico. Ou será matéria também o substrato nele¹⁴⁴, ou não será [de] todos os princípios dos corpos físicos [que se está] falando. Pois o que seria o substrato nele? (*Quaestiones* 20. 15-20 Bruns. Tradução nossa).¹⁴⁵

Como nota Sharples (1992), a referência feita por Alexandre é ao livro 2, capítulo 3 da *Física*, em que Aristóteles apresenta a teoria das quatro causas de modo *ipsis litteris* em relação à *Metafísica*,

¹³⁹ “(1)Since the στοιχεῖα are four, (2) and of the four there are six pairings, (3) but contraries cannot be paired with each other (for it is impossible for the same thing to be hot and cold, and wet and dry), (4) it is clear that the pairings of the στοιχεῖα will be four, hot with dry and wet with hot, and again cold with dry and cold with wet. (5) And these are attached in a reasonable way (κατὰ λόγον) to the apparently simple bodies fire, air, water and Earth; for fire is hot and dry, air is hot and wet, for air is like vapour (ἀτμός), water is cold and wet, and Earth is cold and dry... (*De Gen et Cor* 330 a30-b7, apud. CROWLEY, op. cit., p. 166.)”

¹⁴⁰ “[...] *ta apla somata* viz. Earth, Air, Fire, and Water (cf. Introd. 10). Aristotle speaks of them here as *ta enantia* (a 30). They are, as we shall learn (cf. B. 1-3, with the notes), the first concrete substances resulting from the information of *prote hyle* by the coupled ‘contrary qualities’ (Cold-Dry, Hot-Moist, Hot-Dry, Cold-Moist).”

¹⁴¹ “[...] because Aristotle believes Empedocles’ I elements’ to be really complex, composed of prime matter + the contraries hot or cold, and wet or dry.”

¹⁴² Além dos já citados D. Ross (1936), H. H. Joachim (1922), vários outros são referenciados por Crowley (2013, p.161), dentre os quais, ganham destaque: SOLMSEN, F. *Aristotle’s System of the Physical World*. New York: Cornell University Press, 1960.; CHERNISS, H. F. *Aristotle’s Criticism of Presocratic Philosophy*. Baltimore: Octagon Books, 1935.; CHERNISS, H. F. *Aristotle’s Criticism of Plato and the Academy*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1944.; SOKOLOWSKI, R. *Matter, Elements and Substance in Aristotle*. In: *Journal Of The History Of Philosophy*, Vol. 8, No. 3, p.263-288 (1970). WILLIAMS, C.J.F. *Aristotle’s De Generatione et Corruptione*. Oxford: Oxford University Press, 1982.; GRAHAM, D. W. *The paradox of prime matter*. In: *Journal of the History Philosophy*, vol. 25, no.4, 1987, p. 475-490.

¹⁴³ “But since prime matter is not a thing, but only an element recognized by analysis as involved in the being of a thing, and since anything, to be anything, must have certain indispensable attributes (at the very least, either dryness or wetness, and either heat or cold)” (ROSS, D. op. cit., p. 47).

¹⁴⁴ “(...) mas os elementos das coisas perceptíveis aos sentidos são corpos (...)” (*Fis.*, 209 a17-18)

¹⁴⁵ “[...] ‘the elements of perceptible things are bodies’ (ἔστι δὲ τὰ μὲν τῶν αἰσθητῶν στοιχεῖα σώματα)” (CROWLEY, T. J., 2013, p.163). Há um outro texto grego, utilizado pela Loeb Classical Library, segundo o qual a passagem é: “ἔστι δὲ τὰ μὲν τῶν αἰσθητῶν σωμάτων στοιχεῖα σώματα”. Rejeitamos esse texto e seguimos a tradução de Crowley, que é respaldada pelo texto grego utilizado por David Ross (1936).

livro 5, capítulo 2. Ou seja, segundo o comentador, as causas que Aristóteles cita na *Física* são justamente os princípios e os elementos dos corpos físicos, sejam eles a matéria, a forma, o produtivo (causa eficiente) ou o em razão do que (causa final).

A partir do relato de Simplício nós temos também o posicionamento de Porfírio acerca da identificação entre “princípio” e “causa”:

Porfírio, por sua vez, diz “[...] o princípio e a causa são ditos desses tantos modos. E quanto ao objeto que definem [ὑποκειμένω] ¹⁴⁶, ambos são idênticos, mas quanto à concepção são divergentes. Pois, por um lado, o princípio conceitua de acordo com o que antecede, e por outro, a causa conceitua de acordo com o que produz algo e leva a cabo o que é posterior a ela mesma, podendo a causa ser princípio e o princípio ser produtivo [τελικῆς]. (*In Fis.* 10. 25; 11. 4-8. Diels. Tradução nossa.) ¹⁴⁷

Com Porfírio temos algo um tanto diferente do que os comentadores citados anteriormente fizeram, pois em nenhum momento ele cita o termo “elemento”. De sua argumentação conseguimos apreender que isto se deve ao fato de ele identificar esse conceito com o de “princípio” ao afirmar que alguns princípios são os elementos considerados pelos físicos ¹⁴⁸. A questão que parece surgir disso é o quanto os elementos, enquanto princípios, são também causas, visto que os limites conceituais são nublados por Porfírio. A julgar pelo relato de Simplício, a identificação feita entre “elemento” e “princípio” permite também a identificação daquele com “causa”. Esta é definida como aquilo que produz ou que leva a cabo a constituição do que lhe é posterior e é justamente numa exemplificação desse aspecto que Porfírio apresenta os elementos como princípios:

Desses tantos quantos modos dos princípios e das causas serem ditos, nem todos existem em todos esses modos, mas ao contrário, alguns, por um lado são princípios da geração, como a matéria e a forma ou o agente [ποιούν] e o paciente ou algum dos elementos analisados por cada um dos físicos. (*In Fis.* 11. 9-12. Diels. Tradução nossa.) ¹⁴⁹

Assim, Porfírio parece concordar com a identificação de “causa” e “elemento”. Contudo, o mais relevante dessas passagens é que os elementos não são categorizados especificamente. Neste caso não temos uma mera identificação sobre a qual subjazem categorias nomeadas distintamente, o que poderia nos dar o vislumbre de uma possível distinção. Não, aqui a categoria de elemento é absorvida pela de princípio e qualquer especificidade que os elementos pudessem ter, mesmo que apenas nominal,

¹⁴⁶ 53 c-e;

¹⁴⁷ “Τοῖς δ' εἰς ἐπίπεδα διαιροῦσιν οὐκέτι· οὐδὲν γὰρ γίνεται πλὴν στερεὰ συντιθεμένων· πάθος γὰρ οὐδ' ἐγχειροῦσι γεννᾶν οὐδὲν ἐξ αὐτῶν.” (*De Gen. et Cor.*, 316 a2-4)

“Mas, isso não é igualmente possível para aqueles que dividem corpos em planos; pois quando estes são colocados juntos, nada vem a ser, exceto sólidos; pois eles nem mesmo tentam gerar qualquer afecção a partir deles.” (*De Gen. et Cor.*, 316 a2-4. Tradução nossa a partir da de C.J.F Williams, 1982).

¹⁴⁸ “We may happily concede that the latter are *logically* analysable; but it would not follow that any items such analysis reveals are more deserving of the appellation ‘elements of *bodies*’.” (CROWLEY, op. cit., p. 164.)

¹⁴⁹ H. R. King (1956), M. Furth (1988), E. Lewis (1996).

desaparece. Um posicionamento não muito comum, como veremos, mas que parece repercutir no pensamento de Ibn Sinā (Avicena).

O próprio Simplício por sua vez, que nos apresenta a concepção partilhada por Eudemo e Alexandre, se posiciona contrário a esta interpretação afirmando que, além da matéria, Aristóteles também considera a forma como elemento: “E como eles afirmam [que] elemento é apenas a matéria? Se é a partir da matéria e da forma [que] se presume o composto.” (*In Fís.* 11. 21-22 Diels. Tradução nossa.)¹⁵⁰ Com ele, contudo, temos algo um tanto quanto raro, a inserção de sua interpretação dentro de um debate. Simplício não apenas apresenta a forma como compreende a questão, mas nos relata a existência de uma interpretação contrária à sua.

Por sua vez, João Filopono segue a interpretação de Simplício¹⁵¹:

[De] “princípios” e “causas” ele afirma o mesmo, com certeza em paralelo, onde o produtivo e o finalístico são ditos princípios e causas, e os dois restantes, o material e o formal, são ditos elementos, ou ele predica o princípio de todos [os outros] em comum [...] e a causa do produtivo e do finalístico, e elemento dos dois restantes, da matéria e da forma. (*In Fís.* 6. 10-17 Vitelli. Tradução nossa.)¹⁵²

Além disso Filopono, ainda na esteira do pensamento de Simplício acredita que o critério que diferencia “elemento” de “causa”¹⁵³ é o fato de ela ser extrínseca à coisa causada. Enquanto um elemento é um constitutivo imanente:

O termo princípio é mais universal (pois se aplica à forma, à matéria, ao produtivo, ao fim e a outros) e a causa e o elemento são mais restritos, a causa se aplica aos princípios separados dos efeitos (o eficiente, o fim, o paradigma e o instrumento) e o elemento se aplica aos princípios imanes, [que eu] considero a forma e a matéria. (*In Fís.* 7. 32-5 Vitelli. Tradução nossa)¹⁵⁴

¹⁵⁰ “Além disso, [denominam-se qualidades] as características das substâncias suscetíveis de movimento, por exemplo, calor e frio, branco e preto, peso e leveza, e todas as demais coisas desse tipo, de acordo com as quais se diz que os corpos se alteram, quando elas se modificam.” (*Met.* 1020 b8-11.)

“ἔτι ὅσα πάθη τῶν κινουμένων οὐσιῶν, οἷον θερμότης καὶ ψυχρότης, [10] καὶ λευκότης καὶ μελανία, καὶ βαρύτης καὶ κούφου ὄτης, καὶ ὅσα τοιαῦτα, καθ’ ἃ λέγονται καὶ ἀλλοιοῦσθαι τὰ σώματα μεταβάλλοντων.” (*Met.* 1020 b8-11.)

“διαθέσεις δὲ λέγονται ἃ ἔστιν εὐκίνητα καὶ ταχὺ μεταβάλλοντα, οἷον θερμότης καὶ κατάψυξις καὶ νόσος καὶ ὑγίεια καὶ ὅσα ἄλλα τοιαῦτα.” (*Cat.* 8 b35-38). “É ao que é fácil e rapidamente mudado que nós chamamos condições, e.g., quentura [hotness] e frio e doença e saúde e os semelhantes.” (*Cat.* 8 b35-38. Tradução nossa a partir da de J.L. Ackrill, 1963).

¹⁵¹ Isto é, a tese de que os elementos são capazes de formarem uns aos outros, com exceção do fogo.

¹⁵² “Neither is heat the same as wetness or as dryness, nor is wetness the same as heat or as cold, nor are cold and dryness subordinate either to one another or to heat and wetness. So of necessity there are these four. Since the elements are four in number, and of the four the pairings are six, but it is not in the nature of contraries to be paired with one another... (*De Gen et Cor* 330 a25-32, apud. WILLIAMS, op. cit., p. 40.)”

Aqui, dado o fato de Timothy J. Crowley não apresentar uma tradução completa da passagem apresentada, optamos por utilizar a tradução de C. J. F. Williams (1982). Não só por ser uma tradução renomada, mas também por se mostrar mais de acordo ao texto original, sem deturpá-lo. Ao contrário da tradução de E. S. Foster (1955) que traduz στοιχεῖα por elementary qualities apoiando justamente a tese à qual Crowley (2013) se posiciona contra. E aqui percebemos a necessidade de um trabalho como o apresentado aqui. Há muito o pensamento de comentaristas e tradutores é enviesado a favor da identificação entre os termos discutidos.

¹⁵³ Há ainda outra aparição do termo στοιχεῖον que possivelmente poderia ser entendida desta forma em 330 a35, que será analisada ainda nesta página.

¹⁵⁴ “Ἐπεὶ δὲ τέτταρα τὰ στοιχεῖα...” (*De Gen et Cor* 330 a30)

É esta compreensão, inclusive, que parece ter influenciado, por intermédio de Hermann Bonitz, o pensamento de Giovanni Reale, que defende a distinção entre “elemento”, de um lado, e “causa” e “princípio”, de outro, em termos muito semelhantes¹⁵⁵. No entanto, tanto o comentário de João Filopono, como a suposta consequente interpretação de Reale e Bonitz, não se apresentam como distinções de fato, pois não tocam no ponto essencial que é o fato de Aristóteles ter concebido como dois dos modos de causa, justamente o material e o formal. Qualquer tentativa de distinção entre “elemento” e “causa” que se sustenta no fato de um ser intrínseco e a outra extrínseca¹⁵⁶, precisa explicar como as causas materiais e formais devem ser, então, compreendidas, já que são igualmente causas e intrínsecas à coisa que constituem.

Até aqui fica evidente que não há de fato debate algum sobre a identificação entre “elemento” e “causa”. As divergências que se estabelecem entre os autores se dão a partir deste pressuposto. Os elementos são causas e as interpretações a respeito deste fato variam apenas no sentido em que umas consideram o elemento como uma causa material e outras consideram tanto causa material como formal.

De maneira direta ou indireta toda esta discussão tem como plano de fundo uma passagem bastante pontual que inicia o primeiro livro da *Física* de Aristóteles, na qual o autor afirma o seguinte: “Visto que o saber e o conhecer de todas as ciências se adquire a partir do conhecer dos princípios ou das causas ou dos elementos, pois é a partir disso que se conhece...” (184a 10-12. Tradução Nossa.)¹⁵⁷. Isto porque, como nota João Filopono, a partícula “ἢ” pode ser interpretada como um conectivo de conjunção ou disjunção, o que nos conduz à questão a respeito de qual ciência Aristóteles está falando. Se considerada uma conjunção, a partícula se refere apenas à física. Única ciência, de acordo com Filopono, que teria como objeto de estudo tanto os princípios como as causas e os elementos. Se como uma disjunção, o escopo deixa de se restringir à física e abrange todas as ciências. Em ambos os casos, a compreensão do significado da partícula depende de uma investigação a respeito do sentido dos termos interpelados por ela. E por isso os comentários se dedicam a explicá-los.

Contudo, no caso de Temístio, apesar de ser anterior a Simplicio e João Filopono, a discussão sobre quais causas estão subentendidas em “elemento”, parece superada. Em sua paráfrase¹⁵⁸ da *Física*

¹⁵⁵ CROWLEY, T. J. Aristotle's 'So-Called Elements'. *Phronesis*, [s.l.], v. 53, n. 3, p. 223-242, 2008. Brill. <http://dx.doi.org/10.1163/156852808x307061>.

¹⁵⁶ “...φανερὸν ὅτι τέτταρες ἔσονται αἱ τῶν στοιχείων συζεύξεις, θερμοῦ καὶ ξηροῦ, καὶ θερμοῦ καὶ ὕγροῦ, καὶ πάλιν ψυχροῦ καὶ ὕγροῦ, καὶ ψυχροῦ καὶ ξηροῦ.” (*De Gen et Cor* 330 a33-b1).

¹⁵⁷ “... the pairings of the *differentiae* that belong to the *stoicheia* will be four.” (CROWLEY, 2013).

¹⁵⁸ Assim como Crowley (2013), optamos aqui por não traduzir o termo por considerarmos “opinião” um termo que não engloba todo o escopo do original.

de Aristóteles, Temístio ignora completamente a discussão levantada a partir daquela passagem¹⁵⁹ pelos comentadores citados anteriormente¹⁶⁰. No entanto, ao contrário do que se pode pensar, isso não se deve apenas ao fato de que Temístio é anterior a estes autores. Afinal, vimos que Alexandre de Afrodísias e, segundo Simplício, Eudemo, ambos anteriores a Temístio, se voltaram para o debate. No caso de Afrodísias, aliás, a influência de seu comentário pode ser atestada justamente por intermédio de Simplício¹⁶¹. Portanto, a questão não era desconhecida. Além disso, na versão de Temístio do início do livro 2, ele afirma o seguinte: “Sobre os princípios enquanto elementos, o que foi dito há de ser suficiente. E sobre as causas, tendo-as abarcado anteriormente¹⁶², que nós tentemos e apresentemos de acordo com quantos modos elas são ditas.” (*In Fis* 44, 9 Schenkl. Tradução nossa)¹⁶³

Esta paráfrase talvez conduza a uma má compreensão do que entende Temístio, pois parece distinguir elemento de causa. O que acontece, no entanto, é que Temístio parece ser o precursor do que viriam a pensar Simplício e João Filopono, e, de fato, ambos leram a sua obra. Estes dois, por considerar como elemento tanto a causa material como a formal, afirmam que todo o livro 1 da *Física* é voltado para os elementos, enquanto o segundo seria voltado para o que pode ser propriamente chamado de causa, isto é, a causa eficiente e a final. Neste sentido, diz Simplício:

Tendo proposto expor neste estudo os princípios e as causas dos constituídos por natureza, visto que dos princípios, alguns são elementares, alguns produtivos e alguns finais [...] por causa disso, no primeiro livro, depois de ter investigado e testado as opiniões dos físicos, ele descortina os princípios elementares mostrando que as gerações se dão primeiro a partir dos opostos, sendo mais comum a forma e a privação, e ainda [se dão a partir] do substrato nos opostos. (*In Fis* 259. 3-5; 8-11. Tradução nossa.)¹⁶⁴

¹⁵⁹ “ἔνδοξα δὲ τὰ δοκοῦντα πᾶσιν ἢ τοῖς πλείστοις ἢ τοῖς σοφοῖς, καὶ τούτοις ἢ πᾶσιν ἢ τοῖς πλείστοις ἢ τοῖς μάλιστα γνωρίμοις καὶ ἐνδόξοις” (*Top.* 1.1, 100 b21-3)

¹⁶⁰ “Mas é impossível que haja tal coisa, não porque seja infinita [...] mas porque não há tal corpo perceptível sobre e acima daqueles chamados elementos. Todas as coisas são dissolvidas naquelas a partir das quais vêm a ser, então isso deveria estar aqui neste mundo, juntamente com ar e fogo e terra e água, mas nada disso é observado.” (*Fis.*, 204 b29-35).

E também: “Mas a investigação conduzida até aqui é de caráter geral. Do que se segue fica evidente que o infinito também não se encontra nas coisas sensíveis. Se o corpo por definição é o que é delimitado por superfícies, não poderá haver um corpo infinito nem sensível nem inteligível.” (*Met.* 1066 b22-24).

“αὕτη μὲν οὖν ἡ ζήτησις καθόλου, ὅτι δ' ἐν τοῖς αἰσθητοῖς οὐκ ἔστιν, ἐνθὲν δὲ δῆλον: εἰ γὰρ σώματος λόγος τὸ ἐπιπέδοις ὡρτισμένον, οὐκ εἴη ἂν ἄπειρον σῶμα οὔτ' αἰσθητὸν οὔτε νοητόν.” (*Met.* 1066 b22-24).

Para a presente tradução utilizamos Giovanni Reale, por não existir uma tradução do Lucas Angioni do livro K da *Metafísica*. Apesar de todas as críticas que possam ser aventadas contra a tradução e seu autor, acreditamos que seja suficiente para o presente ponto.

¹⁶¹ “Οὐκ ἔστι δὲ τὸ πῦρ καὶ ὁ ἀήρ καὶ ἕκαστον τῶν εἰρημένων ἀπλοῦν, ἀλλὰ μικτόν. Τὰ δ' ἀπλᾶ τοιαῦτα μὲν ἔστιν, οὐ μόντοι ταυτά, οἷον εἴ τι τῷ πυρὶ ὅμοιον, πυροειδές, οὐ πῦρ, καὶ τὸ τῷ ἀέρι ἀεροειδές· ὁμοίως δὲ καὶ τῶν ἄλλων. Τὸ δὲ πῦρ ἔστιν ὑπερβολὴ θερμότητος, ὡσπερ καὶ κρύσταλλος ψυχρότητος· ἢ γὰρ πῆξις καὶ ἡ ζέσις ὑπερβολαί τινές εἰσιν, ἢ μὲν ψυχρότητος, ἢ δὲ θερμότητος. Εἰ οὖν ὁ κρύσταλλός ἐστι πῆξις ὑγροῦ ψυχροῦ, καὶ τὸ πῦρ ἔσται ζέσις ξηροῦ θερμοῦ. Διὸ καὶ οὐδὲν οὔτ' ἐκ κρυστάλλου γίνεται οὔτ' ἐκ πυρός.” (*De Gen. et Cor.*, 330 b21).

¹⁶² *Vide* n. 14

¹⁶³ *Vide* n. 14

¹⁶⁴ Para a tradução de *fiery* e *airy* contamos com a ajuda de Gustavo Laet Gomes, Mestre e doutorando pela UFMG e integrante da Cátedra UNESCO Archai: sobre as origens do pensamento ocidental.

E de fato, quando do início de sua paráfrase, Temístio, nos relata que a prioridade pode ser entendida de dois modos, uma em relação ao que é mais próximo aos sentidos e, portanto, mais fácil de compreender, e em relação à própria natureza, ele nos dá exemplos próprios de elementos. O que é prioritário ou mais próximo aos sentidos, nesse caso, são as palavras e as sílabas, e o que assim o é por natureza são as letras¹⁶⁵.

Assim, ao afirmar em sua paráfrase que Aristóteles havia tratado dos elementos no livro 1 da *Física* e que no livro 2 trataria das causas, Temístio confirma que o primeiro livro foi dedicado à causa formal e à material e que o segundo se deterá na causa eficiente e na causa final. O que o coloca na posição de ancestral comum da concepção de “elemento” como causa material e formal, em contraposição a Eudemo e Alexandre de Afrodísias. E serão essas as duas vertentes interpretativas que guiarão os comentários do medievo ocidental, a primeira delas sendo reforçada pela adesão de Ibn Rušd e sua influência na latinidade.

3- OS ARÁBICOS; INFLUENCIADOS POR JOÃO FILOPONO, PARTIDÁRIOS DA IDENTIFICAÇÃO ENTRE “ELEMENTO” E “CAUSA MATERIAL” E “FORMAL”

Assim, Temístio serve de fonte da qual bebem filósofos árabes como Ibn as-Samḥ¹⁶⁶, Ibn Rušd e, talvez, Ibn Sinā¹⁶⁷ intermediados pelo comentário de João Filopono. No caso destes autores, não está mais em disputa a identificação de “elemento” e “causa material” e “formal”, as divergências se concentram na distinção ou não deste último termo com “princípio”. Então, com Ibn as-Samḥ¹⁶⁸, nós temos que:

¹⁶⁵ “The simple bodies being four in number...” (*De Gen et Cor* 330 b21-30 *apud* WILLIAMS, OP. CIT. p. 41. Tradução nossa)

¹⁶⁶ “... e o que nós estamos acostumados a chamar de fogo, apesar de não ser realmente fogo: pois fogo é um excesso de calor e um tipo de aquecimento.” (*Meteor.* 340b 22-30)

¹⁶⁷ “Antes da geração do céu, teremos que rever a natureza do fogo, do ar, da água e da terra, bem como os comportamentos que tinham antes disso; na verdade, até agora ninguém revelou a sua origem, mas discursamos como se nos dirigíssemos a quem soubesse o que possa ser o fogo e cada um dos outros elementos, dispondo-os como princípios e letras do universo. Ora, é prudente que, com um mínimo de verossimilhança, nem sequer às sílabas sejam comparados por quem tenha um pouco de inteligência.” (*Tim.* 48 b-c). A negação de semelhança entre os quatro corpos simples e as sílabas figura aqui no sentido de que o nível de complexidade dos elementos é maior que o das sílabas que logo que os constituintes que imediatamente as formam são os constituintes de toda a linguagem. Fogo, terra, água e ar, contudo, têm mais estágios de decomposição, segundo Platão: “Em primeiro lugar, que o fogo, a terra, a água e o ar são corpos, isso é claro para todos; tudo o que é da espécie do corpo tem profundidade. Mas a profundidade envolve, necessariamente e por natureza, a superfície; e uma superfície plana é composta a partir de triângulos. Todos os triângulos têm origem em dois triângulos, cada um dos quais com um ângulo recto e com os outros agudos.” (*Tim.* 53 c-d).

¹⁶⁸ “No caso de Empédocles isso é claro a respeito de outras coisas, até se alcançar os elementos, que elas têm geração e corrupção; mas a respeito desses mesmos elementos não é claro como a massa deles enquanto é agregada vem a ser e prece,

Com “princípios” (*mabādi*) Aristóteles provavelmente se referiu às causas finais, e com “causas” (*asbāb*) às causas eficientes, que não pertencem à essência das coisas que alguém está considerando, tal qual um construtor de uma casa: os “elementos” (*ustuqusāt*) são as causas das quais a coisa é composta (matéria e forma).” (Ibn as-Samḥ 2,19-26¹⁶⁹ *apud* LETTINCK, Paul, 1994, p.38. Tradução nossa)

E com Ibn Rušd:

Com “princípios, causas e elementos” Aristóteles se refere às quatro causas. Os princípios são as causas eficientes, as causas são as causas finais, e os elementos são as causas que fazem parte do objeto, a matéria e a forma. (Ibn Rušd 6B2-8¹⁷⁰ *apud* LETTINCK, Paul, 1994, p.76. Tradução nossa).

Com Ibn Sinā nós temos algo um tanto diferente. Primeiro, porque o termo através do qual ele aparentemente se refere a “elemento” não é *ustuqusāt*, como no caso dos outros dois filósofos, que seguiram a tradução de Ishāq ibn Ḥunayn¹⁷¹. A palavra escolhida por ele, segundo Paul Lettinck (1994, p.96) neste caso é *’ilal*, que, por sua vez, parece ser derivada de *’illat* (ou *’illa*, segundo Paul Lettinck [*ibidem*, p. 97]). Palavra essa que tem como um de seus significados o de causa¹⁷² ou fundamento¹⁷³ e que parece ter levado Paul Lettinck (*ibidem*, p.96) a suprimir sua tradução, já que haveria um termo anterior traduzido com o mesmo significado, a saber *asbāb*. Apesar dessa escolha, o próprio Paul Lettinck (*ibidem*,) reconhece que *’illat* (*’illa*) é justamente a palavra utilizada por Ibn Sinā para traduzir “elementos” substituindo *ustuqusāt*, utilizada por Ishāq ibn Ḥunayn. Segundo porque ele não apresenta distinção alguma entre “princípios”, “causas” e “elementos” e simplesmente parece ignorar a questão:

Os objetos da ciência física são os corpos observáveis, à medida em que são sujeitos a mudança, seus atributos essenciais, suas afecções, movimentos e condições que são causados por eles. Os objetos naturais têm princípios e causas (*mabādi*, *asbāb*, *’ilal*) e o conhecimento dos objetos significa o conhecimento de seus princípios e causas. (*Kitāb aš-Šifā’* 7,5-8,4¹⁷⁴ *apud* LETTINCK, Paul, 1994, p.96. Tradução nossa).

nem é possível a ele explicar isso a menos que esteja preparado para dizer do fogo, e igualmente de todos os outros, que eles têm seus próprios elementos, assim como Platão escreve no *Timeu*.” (*De Gen. et Cor.*, 329 b19-25)

¹⁶⁹ Desde o início do capítulo Aristóteles trata Empédocles como um exemplo para os filósofos naturalistas: “Alguns, portanto, incluindo de fato Empédocles, lidaram desse modo com certos problemas (...)” (*De Gen. et Cor.* 324 b 32-34). E ainda: “Menos ainda com os outros, por exemplo Empédocles: não é de todo claro na teoria dele como há corrupção e alteração.” (325 b14-16).

¹⁷⁰ “Empédocles, em comparação com os antecessores, foi o primeiro a introduzir distinções de causa, ao conceber o princípio de movimento não como um só, mas como dois, opostos entre si; além disso, foi o primeiro a afirmar que os elementos, que se dizem em forma de matéria, são quatro...” (*Met.* A 4, 985 a29-32).

¹⁷¹ WHITE, M. J. Stoic Natural Philosophy (Physics and Cosmology) In: INWOOD, B. (ed.) *The Cambridge Companion to the Stoics*. Cambridge: Cambridge University Press. 2003. pgs. 124-152.

¹⁷² “Since the science of nature is concerned with magnitudes, change, and time (...)” (III, 4 2020 b30-31)

¹⁷³ “It is thus clear that the Stoics conceived of physics or natural philosophy more broadly than one characterization of it by Aristotle – that is, the conceptual investigation of kinesis ^ (motion or change) and of whatever is implied by change (e.g., magnitude, place, and time).” (2010, p.125).

¹⁷⁴ “With respect to the former, ‘specific’ classificatory schema, the distinction between principles and elements may initially seem puzzling since ‘archai’ and ‘stoicheia’ are not infrequently used as synonyms – as in Aristotle’s frequent characterization of the Presocratic philosophers’ quest for archai kai stoicheia and in the geometrical sense of ‘elements’ (stoicheia)” (2010, p. 125)

O motivo pelo qual Ibn Sinā não tenha se detido com a distinção entre os termos em questão talvez seja porque sua obra, ao contrário dos dois filósofos arábicos citados anteriormente, não é um comentário propriamente dito (LETTINCK, Paul, 1994, p.103). Contudo, isto só se dá à medida em que o filósofo não segue passo-a-passo a *Física* de Aristóteles, não obstante as questões tratadas em seu livro serem as mesmas e haver um escrutínio dos sentidos nos quais o estagirita utiliza um determinado termo¹⁷⁵:

Sua discussão da matéria, forma e privação mostra as mesmas características. É uma pesquisa das doutrinas aristotélicas sobre esse tema, elaborada com várias distinções, como a de diferentes nomes serem dados à matéria de acordo com os diferentes pontos de vista e diferentes sentidos da palavra “comum”. (LETTINCK, Paul, 1994, p. 104. Tradução nossa.)

Além disso, a relevância de João Filopono para este trabalho é tão evidente quanto para Ibn as-Samḥ e Ibn Rušd. A respeito disso, Paul Lettinck nos diz: “Uma comparação com Filopono mostra que o conteúdo de algumas de suas discussões são as mesmas, mas que em estilo e formulação Ibn Sinā é independente de Filopono.” (*Ibidem*, p.104. Tradução nossa). E nesse sentido, a própria passagem do texto de Ibn Sinā citada anteriormente o confirma.

Sendo assim, o comentário de Filopono não só era bem conhecido por Ibn Sinā, como seguido de perto em diversas ocasiões. O que nos leva a acreditar que ele não tenha de fato ignorado a questão ou, muito menos, a desconhecido. Portanto, o que vemos na passagem citada do seu *Kitāb aš-Šifā* é, de fato, uma identificação, ou até algo mais. Nos casos de Temístio, Filopono, Ibn as-Samḥ e Ibn Rušd ainda são usadas palavras cujos significados é o de elemento (στοιχεῖον/στοιχεῖα e *ustuqusāt*). Contudo, à medida em que Ibn Sinā utiliza *‘ilal* para se referir aos elementos e à medida em que o significado desta palavra é idêntico ao da palavra usada para se referir às causas, qualquer possibilidade de tratamento de “elemento” de forma individualizada se torna nula. E justamente por isso Paul Lettinck traduz a passagem apenas como: “Os objetos naturais têm princípios e causas [...]” (*Kitāb aš-Šifā*’ 7,5-8,4 *apud* LETTINCK, Paul, 1994, p.96. Tradução nossa).

Aqui cabe ressaltar que, se, por um lado, o comentário de João Filopono era conhecido pelos arábicos, por outro, não o era o de Simplício¹⁷⁶. Sendo justamente este que atesta a existência de um debate acerca do que é englobado por “elemento”, não é de se estranhar que Ibn as-Samḥ, Ibn Rušd e Ibn Sinā desconsiderem completamente as opiniões de Eudemo de Rodes e Alexandre de Afrodísias. Isto, por sua vez, atesta não só o desconhecimento do comentário de Simplício, mas também a possível perda, já nessa época, de partes do comentário de Afrodísias. Evidência disso parece ser o fato de, no

¹⁷⁵ “ἰσαχῶς δὲ καὶ τὰ αἴτια λέγεται: πάντα γὰρ τὰ αἴτια ἀρχαί.” (Met. 1013 a16-17)

¹⁷⁶ Como nos informa Michael J. White in: *The cambridge companion to the Stoics* (2003)

manuscrito de Leiden, os comentários de Alexandre de Afrodísias só começarem a aparecer a partir do livro II da *Física*.

De um modo ou de outro, o que essa invisibilidade do debate demonstra, antes de tudo, é a sua falta de relevância. Colocada de lado a questão acerca do que “elemento” engloba, o que se observa a partir de Temístio é uma convergência em torno de sua interpretação. De Simplício a Ibn Rušd, e alguns ocidentais imediatamente depois, todos concordam que tanto a causa material como a formal são elemento e ignoram ou desconhecem a interpretação contrária. No caso de Ibn Rušd, a falta de importância da questão se torna manifesta quando sua interpretação só é apresentada no seu *Grande Comentário à Física*. Além deste, há ainda outros dois, o *Médio* e o *Curto*, que sequer se debruçam para afirmar a interpretação do seu autor.

Talvez se possa argumentar, que esta ausência se deve ao fato de esses três comentários terem objetivos diferentes, e que o *Médio* e o *Curto* não são obras voltadas para discutir os pormenores do texto aristotélico, mas sim para permitir uma primeira aproximação ao texto¹⁷⁷. Concordamos que este é, de fato, o caso, mas também acreditamos que apresentar os conceitos dos termos utilizados corresponderia perfeitamente a esse objetivo, mas é algo que só poderia ser feito se a definição desses conceitos não fosse algo já bem estabelecido. Portanto, não haveria relevância alguma em apresentar os significados dos termos utilizados, porque eles já estariam fixados, mesmo que para um leitor iniciante da *Física*.

Diante desse panorama, o medieval latino toma de herança duas vertentes interpretativas acerca da identificação entre “elemento” e “causa material”. Uma delas afirma a exclusiva relação entre esses dois conceitos, tendo como representantes Eudemo de Rodes e Alexandre de Afrodísias, e outra, que defende a relação não só entre esses dois conceitos, mas também com o de “causa formal”, tendo como representantes, Temístio, João Filopono, Simplício, Ibn as-Samḥ e Ibn Rušd. E a partir disso, as interpretações, que antes existiam isoladamente, em seus determinados contextos históricos, agora dividem espaço num mesmo cenário filosófico.

4- A HERANÇA DAS INTERPRETAÇÕES NA IDADE MÉDIA LATINA

¹⁷⁷“δεῖ δὲ κατανοεῖν ὅτι οὐχ ὡσαύτως ληπτέον λέγεσθαι ποῖά τε ἐν λέγεται, καὶ τί ἐστὶ τὸ ἐν εἶναι καὶ τίς αὐτοῦ λόγος. Λέγεται μὲν γὰρ τὸ ἐν τοσαυταχῶς, καὶ ἕκαστον ἔσται ἐν τούτων, ὃ ἂν ὑπάρχη τις τούτων τῶν τρόπων· τὸ δὲ ἐν εἶναι ὅτε μὲν τούτων τινὲς ἔσται, ὅτε δὲ ἄλλω ὃ καὶ μᾶλλον ἐγγὺς τῷ ὀνόματι ἐστὶ, τῇ δυνάμει δ’ ἐκεῖνα, ὡς περὶ καὶ περὶ στοιχείου καὶ αἰτίου εἰ δέοι λέγειν ἐπὶ τε τοῖς πράγμασι διορίζοντα καὶ τοῦ ὀνόματος ὄρον ἀποδιδόντα” (1052 b1-9).

De início nos deparamos com a continuidade da vertente interpretativa que considera como elemento tanto a causa material como a formal. Alberto Magno¹⁷⁸ e Richard Rufus of Cornwall¹⁷⁹ são partidários dessa interpretação e atestam, na esteira de João Filopono, Ibn as-Samḥ e Ibn Ruṣd, a aparente falta de debate. Com eles vemos novamente a ênfase no aspecto imanente, ou intrínseco, de “elemento”. No caso de Alberto Magno: “Elementos, por outro lado, dizemos de duas causas que constituem a essência das coisas naturais, que são a forma e a matéria.” (Liber I, Tractatus I, p.11. Tradução nossa)¹⁸⁰. E Richard Rufus of Cornwall: “O termo ‘elemento’ é apropriado à causa formal e material. Pois, elemento é dito da causa intrínseca à coisa. E isto é matéria e forma”. (Liber I, Pars prima, p.95. Tradução nossa)¹⁸¹.

É apenas com São Tomás de Aquino (contemporâneo de Alberto Magno e Richard of Cornwall e discípulo do primeiro.) que a interpretação defendida por Eudemo de Rodes e Alexandre de Afrodísias se vê novamente inserida no debate:

Quando diz “princípios”, “causas” ou “elementos”, não significa que são a mesma coisa. Pois “causa” é mais universal que “elemento”, e elemento é aquele do qual primeiramente se compõe uma coisa, permanecendo nela, como diz na *Metafísica* livro V, assim como as letras, e não as sílabas, são elementos das palavras. Pois se chamam causas aquelas coisas das quais dependem outras, segundo seu ser ou seu fazer-se.; portanto, pode denominar-se causa, mas não elemento, o que está fora da coisa, ou, estando nela, não a compõe imediatamente [...] “causa” parece significar as causas formais e as finais, das quais dependem as coisas segundo seu ser e seu fazer-se; por “elementos” se entende apropriadamente as primeiras causas materiais. (*In Physica*, lib. I, l. 1, n. 1. Tradução nossa.)¹⁸²

Com isso percebemos duas coisas que se implicam mutuamente: primeiro, a inserção da primordialidade enquanto aspecto constitutivo do significado de “elemento”; e, em segundo, a referência ao texto da *Metafísica* em que Aristóteles define o termo. Para o conceito de elemento, então, não é apenas o seu aspecto imanente que conta, mas também o da primordialidade. E assim sendo, o que há de primordial num objeto material é um constituinte material. A forma, então, apesar de corresponder

¹⁷⁸“λέγεται μὲν οὖν τὸ ἐν τοσαυταῶς, τό τε συνεχῆς φύσει καὶ τὸ ὅλον, καὶ τὸ καθ’ ἕκαστον καὶ τὸ καθόλου” (1051 a33-35).

¹⁷⁹ Aqui, ao contrário do que parece pensar Giovanni Reale em sua tradução da *Metafísica*, não acreditamos que a passagem: “καὶ μεταφέροντες δὲ στοιχεῖον καλοῦσιν ἐντεῦθεν ὃ ἂν ἐν ὄν καὶ μικρὸν ἐπὶ πολλὰ ἢ χρήσιμον, διὸ καὶ τὸ μικρὸν καὶ ἀπλοῦν καὶ ἀδιαίρετον στοιχεῖον λέγεται...” [E, conseqüentemente, por transferência, chamam elemento o que se for um e pequeno...]” (1014b3-4. Tradução nossa.) esteja designando um segundo significado de στοιχεῖον, muito pelo contrário. O significado é dado no início do capítulo 3 do livro Δ e os objetos identificados na esteira dessa conceituação são apenas exemplos daquilo que satisfaz as condições enunciadas na definição e o termo καὶ indica isto claramente. A tradução de Giovanni Reale nos apresenta a seguinte edição: “Elemento <tem os seguintes significados>. (1) O primeiro componente imanente do qual é constituída uma coisa e que é indivisível em outras espécies [...] (2) Alguns, por transferência, (a) chamam elemento o que, sendo um e pequeno, pode servir a muitas coisas.” (1014 a26-27; 1014 b3-5).

¹⁸⁰ Vide nota anterior.

¹⁸¹ De modo bem simplificado, com propósitos explicativos apenas.

¹⁸² Usamos aqui esta terminologia por ser mais facilmente identificada com a terminologia própria de Aristóteles. Como veremos, contudo, Angioni prefere o termo “concomitante”. A partir daqui usaremos a nomenclatura própria de Lucas Angioni.

ao aspecto da imanência, não corresponde ao da primordialidade. E por isso não pode ser considerada elemento. Essa concepção, como cita Tomás de Aquino, é observada no livro quinto da *Metafísica*, onde Aristóteles deixa claro que, no âmbito da física, “elemento” é um conceito propriamente material, e que outros filósofos consideraram coisas como o pequeno, o um, o ponto e o gênero apenas por derivação, à medida em que estes objetos estão presentes em muitas coisas (*Metafísica*, V 3, 1014b 3-15).

Com essa interpretação, Tomás de Aquino não só se posiciona contrário ao que diz seu mestre, Alberto Magno, como a uma tradição interpretativa que chega ao ocidente muito provavelmente pelos comentários de Ibn Rušd, tanto à *Física* como à *Metafísica*. O que parece ocorrer por dois motivos. Primeiro por conta da divergência de base textual que conduz à divergência de interpretações. Os defensores da tradição que remonta a Temístio parecem se sustentar mais no livro XII da *Metafísica* para defender a identificação entre “elemento”, “causa material” e “causa formal”. E, de fato, João Filopono e Simplicio não têm comentários à *Metafísica*, enquanto Temístio tem uma paráfrase, justamente, do livro XII¹⁸³. Isso, por si só, obviamente não é suficiente para afirmar que os comentadores medievais simplesmente ignoraram o livro V, que é o mais relevante para o estabelecimento de uma relação exclusiva entre “elemento” e “causa material”, como parece nos afirmar Tomás de Aquino. Afinal, Alberto Magno comentou o livro V. Este comentário, contudo, assim como a leitura das obras de Aristóteles no medievo latino como um todo, sofre da influência de Ibn Rušd, o único dos comentadores árabes cujo comentário à *Metafísica* chegou a nós. Isto nos leva ao segundo motivo. Pois, da mesma forma que o *Grande Comentário à Física*, trazia acréscimos ao texto de Aristóteles que não se verificavam no *Médio* e no *Curto*, como a relação entre “elemento” e as causas, o *Grande Comentário à Metafísica*, é em grande parte uma adição ao texto de Aristóteles tendo em vista um público mais erudito¹⁸⁴. E isso se atesta pelo seu comentário ao primeiro capítulo do livro V¹⁸⁵, mas também ao terceiro capítulo, em que Aristóteles define “elemento”. Enquanto Aristóteles em nenhum momento no referido capítulo sequer cita o termo “causa”, Ibn Rušd inicia apresentando as relações conceituais entre “princípio”, “causas” e “elemento”, algo semelhante ao que faz Alberto Magno.

¹⁸³“Τὸ ὄν λέγεται τὸ μὲν κατὰ συμβεβηκὸς τὸ δὲ καθ’ αὐτό, κατὰ συμβεβηκὸς μὲν, οἷον τὸν δίκαιον μουσικὸν εἶναι φαμεν καὶ τὸν ἄνθρωπον μουσικὸν καὶ τὸν μουσικὸν ἄνθρωπον, παραπλησίως λέγοντες ὡσπερὶ τὸν μουσικὸν οικοδομεῖν ὅτι συμβέβηκε τῷ οικοδόμῳ μουσικῷ εἶναι ἢ τῷ δομεῖν ὅτι συμβέβηκε τῷ οικοδόμῳ μουσικῷ εἶναι ἢ τῷ μουσικῷ οικοδόμῳ (τὸ γὰρ τότε εἶναι τότε σημαίνει τὸ συμβεβηκέναι τῷδε τότε)” (1017 a7-13)

¹⁸⁴ “οὕτω καὶ ἐπὶ αἰτίου καὶ ἐνὸς καὶ τῶν τοιούτων ἀπάντων...” (1052 b14).

¹⁸⁵ Angioni (2007, p. 66) nos diz que o problema que envolve essa necessidade passou a ser chamado de Problema de Ackrill, por ter sido mais bem formulado por J. L. Ackrill (1969, p. 69-70, 74-75).